

Estudos da Língua(gem)

Crianças cometem lapsos da língua? Algumas evidências dos processos metafóricos e metonímicos desde as falas iniciais

Do children commit slips of the tongue?
Some evidence regarding metaphoric and metonymic processes since early speeches

Erica Reviglio Iliovitz*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil)

Juliana Galindo de Oliveira Pontes*

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/Brasil)

RESUMO

Esse trabalho visa investigar se crianças podem cometer lapsos da língua. A motivação para esse trabalho partiu da necessidade de questionar uma convenção teórica adotada em uma pesquisa anterior (Iliovitz, 2001) levando em consideração os dados de uma outra pesquisa (Oliveira, 2004). O referencial teórico envolve Freud (1977, 1987), Saussure (1989), Jakobson (1971) e os processos metafóricos e metonímicos sob o enfoque interacionista de De Lemos (1992). A conclusão é que crianças estão sujeitas aos processos metafóricos e metonímicos desde as falas iniciais e, portanto, também podem cometer lapsos.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem. Interacionismo. Lapsos da língua.

ABSTRACT

The aim of this paper is to investigate if children can commit slips of the tongue. The motivation for this paper derived from the need to question a theoretical convention adopted in a previous research (Iliovitz, 2001) taking into account some data from another research (Oliveira, 2004). The theoretical referential involves Freud (1987), Saussure (1989), Jakobson (1971), and metaphoric and metonymic processes under a interactionist

* Sobre os autoras ver página 36.

approach by De Lemos (1992). The conclusion is that children are subject to metaphoric and metonymic processes since early speeches, and therefore, they can also commit slips of the tongue.

KEY WORDS: Language acquisition. Interactionism. Slips of the tongue.

Introdução

Neste artigo, investigaremos se crianças, assim como adultos, também podem cometer lapsos da língua e não apenas erros. Essa análise foi motivada pelo trabalho de Oliveira (2004), no qual são apresentados alguns interessantes dados da fala de crianças.

O referencial teórico da presente análise são as reflexões de Freud (1977, 1987), Saussure (1989), Jakobson (1971) e, sobretudo, o Interacionismo na proposta de De Lemos (1992). A justificativa para escolha desse referencial teórico pode ser encontrada nas palavras de Andrade (2012, p. 41-42):

De Lemos (1992) apresentará uma postura interacionista [...] e discutirá o funcionamento da linguagem a partir dos processos metafóricos e metonímicos relendo Jakobson [...]. Dessa forma, De Lemos, ao tratar dos processos metafóricos e metonímicos [...] (considera) esses fenômenos mentais como fenômenos linguísticos.

Este artigo está estruturado em seis seções. A primeira seção apresenta e problematiza as definições de lapso feitas pela Psicanálise e pela Linguística. Na segunda seção, é feita uma proposta de distinção entre erro e lapso de modo a fundamentar teoricamente a existência e a análise de lapsos na fala de crianças. A terceira seção trata dos processos metafóricos e metonímicos a partir das ideias de Saussure (1989) e de Jakobson (1971). Na quarta seção, abordamos a convenção metodológica proposta em Iliovitz (2001)¹ a respeito de lapsos da língua. Embora considerasse algumas importantes reflexões apresentadas por De Lemos (1992), essa convenção propunha, como forma de distinção entre lapsos e erros, que apenas adultos cometeriam lapsos e que crianças apenas cometeriam erros. Na quinta seção, são mencionados os aspectos metodológicos adotados no trabalho de Oliveira (2004). E, finalmente, na sexta e última seção, os dados do trabalho de Oliveira (2004) são apresentados e discutidos. Iniciaremos nossa reflexão a partir das definições de lapso adotadas na Psicanálise e na Linguística.

¹ O trabalho foi resumido e publicado em Iliovitz (2007).

1 Definição de lapso na Psicanálise e na Linguística

Sigmund Freud (1987), considerado o Pai da Psicanálise, define lapso a partir de parafasia, fenômeno linguístico que ocorre na fala de sujeitos cérebro-lesados²: “[...] os lapsos [...] que observamos nas pessoas normais³ dão a impressão de serem um estágio preliminar das chamadas ‘parafasias’ que ocorrem em condições patológicas” (FREUD, 1987, p.60).

Assim, a Psicanálise, aqui representada por Freud, define “parafasia” – e, por extensão, lapso – como “perturbação da linguagem” e “troca ou mutilação de palavras semelhantes quanto ao sentido”. A Linguística, por sua vez, apresenta definições para lapso em termos de “desvio” ou “erro” (e todo desvio implica um “caminho correto/certo/adequado” que foi abandonado, assim como todo erro remete a um acerto)⁴.

Os lapsos, de um modo geral, são conhecidos em inglês como *slips of the tongue*, *speech errors* ou simplesmente, *lapses*, e foram definidos basicamente de duas formas. Uma delas, encontrada num dicionário, foi reproduzida por Hotopf (1980) e é particularmente vaga; a outra, mais precisa, é tomada como referência por alguns autores da área dos estudos da linguagem. As definições são as seguintes:

a) *Desvio ou erro não intencional*: “um lapso da língua, de acordo com o *Shorter Oxford Dictionary*, é um ‘desvio ou erro não intencional na escrita, fala, etc’”. (HOTOPF, 1980, p. 104)

b) *Desvio involuntário*: “Um lapso da língua [...] é um desvio involuntário no desempenho do falante a partir de uma intenção fonológica, gramatical ou lexical que esteja em andamento”. (BOOMER; LAVER, 1973, p. 123).

Ambas as definições da área da Linguística destacam não só o caráter desviante do lapso, mas também remetem à separação entre conhecimento e uso da linguagem, ou seja: uma perspectiva pautada na distinção entre competência e desempenho. Explicando melhor, as definições que consideram o lapso como um fenômeno desviante admitem que ele é atribuído a distúrbios ou falhas de processamento da linguagem, situação em que o desempenho é falho, muito embora representações mentais permaneçam razoavelmente

² Sujeitos cérebro-lesados são pessoas que sofreram lesões cerebrais em decorrência de AVC (acidente vascular cerebral, conhecido como “derrame”, por exemplo).

³ O conceito de “pessoas normais” nesse contexto pode ser interpretado como “pessoas sem lesão cerebral”.

⁴ Alguns exemplos de lapsos são: (1) É urina de guitarra (ao invés de “é urina de *cigarra*”, num contexto em que um jovem faz comentário a respeito de gotas que caem da árvore); (2) O catarro dele está cheio de peito (por “o *peito* dele está cheio de *catarro*”, num comentário a respeito de um bebê que está tossindo); (3) Você viu que vai ter dançar jantante? (por “você viu que vai ter *jantar dançante*?” ao se fazer uma pergunta) (exemplos extraídos de ILIOVITZ, 2001, p.15).

preservadas. Dessa forma, os lapsos se revelariam no desempenho e seriam considerados falhas da fala em alguma instância.

Outros pesquisadores que têm estudado aquisição da linguagem sob uma perspectiva interacionista, porém, interpretam o lapso como o produto de formulações e reformulações linguísticas realizadas pelo sujeito na relação com a língua e com o Outro. Nesse sentido, os “erros” que a criança comete são considerados dados privilegiados no estudo da linguagem na medida que eles podem revelar e evidenciar determinados procedimentos linguísticos do sujeito (cf. Figueira, 1996).

Em outras palavras, de acordo com essa perspectiva, tanto erros quanto lapsos estariam inseridos no funcionamento linguístico como um todo, revelando-se sob condições não aleatórias, i.e., obedecendo a determinados princípios da linguagem na qual eles se manifestam. Assim, ao se privilegiar o estudo dos lapsos em sua manifestação oral, eles podem ser encarados como um *cruzamento de discursos* em determinados pontos da cadeia sonora, que envolvem uma ruptura com a estabilidade de significação (cf. De Lemos, 1992).

A seguir, de modo a sistematizar a fundamentação teórica para a existência de lapsos na fala de crianças, faremos uma proposta de distinção entre erros e lapsos.

2 Proposta de distinção entre erros e lapsos

Na seção anterior, vimos que tanto as definições de lapso propostas pela Psicanálise quanto as definições propostas pela Linguística mencionam o caráter “patológico” ou “desviante” do lapso. Nesse contexto, uma questão que se coloca é a seguinte: mas, afinal, qual é a diferença entre LAPSO e ERRO? Nessa seção, vamos propor uma distinção para esses conceitos de modo a sistematizar nossa análise.

Vamos definir ERRO basicamente como “inadequação de uso de palavra”. A princípio, eles poderiam ser basicamente de três tipos:

a) *Extensão indevida de alguma categoria morfológica de uma palavra a outra palavra.*

Um exemplo é o seguinte, enunciado por uma criança: “queimei o dedei” (DE LEMOS, 1982). Nessa fala, ocorre a extensão indevida da flexão de verbo (“queimei”) ao nome (“dedei”), gerando uma palavra inexistente em língua portuguesa (cf. LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008, p. 125-126).

Outro exemplo é a fala de uma criança na qual ela diz “*diquenta*” (ao invés de “esfria”). Nesse caso, “a forma verbal expressa ação reversa” (LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008, p. 131) através do uso inadequado do prefixo “des-“ ao verbo “esquentar” (resultando em “desesquenta” ou “desquenta” e pronunciado “diquenta”).

b) *Troca ou substituição de uma palavra de uma determinada categoria gramatical por outra palavra da mesma categoria gramatical (por exemplo, verbos).*

Podemos citar um exemplo de fala de criança em trabalho de Figueira (apud LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008, p. 131): “eu vou *sair* você do berço” (ao invés de “tirar”).

c) *Inadequação gramatical.*

Por exemplo, erro de concordância: “fazem 10 anos que ele morreu”.

A definição de LAPSO, por sua vez, será a mesma proposta por De Lemos (1992): um lapso pode ser considerado um *cruzamento de discursos*. Essa definição é fundamentada na perspectiva teórica adotada no presente trabalho: uma perspectiva interacionista que aborda a linguagem como um sistema no qual o sujeito, perpassado pelo inconsciente, se insere e no qual e pelo qual ele se constitui através de relações, conforme mencionado na seção anterior. Portanto, em síntese, essa definição nega que haja uma separação entre competência e desempenho linguístico.

As *semelhanças* entre as definições aqui propostas para erros e lapsos residem em dois aspectos:

a) *imprevisibilidade de ocorrência*: não se sabe quando erros e lapsos vão se manifestar. Isso promove um “efeito de surpresa” no interlocutor;

b) *não aleatoriedade da manifestação*: embora imprevisíveis, tanto erros quanto lapsos se manifestam de acordo com a estrutura fonológica, sintática e semântica da língua em que ocorrem. Se assim não fosse, não seria possível atribuir sentido a eles e, portanto, não seria possível interpretá-los como erros ou lapsos.

A *principal diferença* entre as definições propostas para erros e lapsos diz respeito justamente ao *cruzamento de discursos a partir dos processos metafóricos e metonímicos*, que serão discutidos a seguir.

3 Os processos metafóricos e metonímicos

Para um melhor esclarecimento do que são os processos metafóricos e metonímicos, será feita uma breve retomada acerca do funcionamento linguístico com base nas ideias estruturalistas de Saussure (1989) e Jakobson (1971) (cf. OLIVEIRA, 2004). Em relação ao funcionamento estrutural da língua, Saussure (1989) distingue dois tipos de relações: as *sintagmáticas* e as *associativas (ou paradigmáticas)*. Essas relações corresponderiam a duas formas básicas de nossa atividade mental⁵.

As *relações sintagmáticas*, presentes nos sintagmas, envolvem o caráter linear da língua. Nesse sentido, pode-se dizer que um termo só adquire valor

⁵ Convém lembrar que De Lemos considera esses fenômenos mentais como fenômenos linguísticos (cf. ANDRADE, 2012). As consequências da abordagem de Lemos serão discutidas adiante.

quando é colocado num sintagma, de modo a se opor ao que o precede ou ao que o segue.

As *relações associativas ou paradigmáticas*, por sua vez, correspondem às palavras que se associam na memória; sua rede encontra-se no cérebro. Consistem em associações formadas mentalmente, que garantem a ocorrência do encadeamento e das combinações, por guardarem na memória as relações diversas entre os termos e pelo fato de terem algo em comum.

Jakobson (1971) considera que todo signo linguístico implica dois tipos de arranjos: a *combinação* e a *seleção*. No que se refere à *combinação*, esse autor destaca que todo signo é composto por signos constituintes e/ou aparece a partir da combinação com outros signos. Quanto à *seleção*, ele propõe que um termo pode ser substituído por outro que seja equivalente ao primeiro em relação a um aspecto e diferente em outro.

Esse teórico trata do *processo linguístico*, começando por abordar a questão da *liberdade do falante* relativamente a esse processo. Jakobson (1971, p. 39) afirma que existe “na combinação de unidades linguísticas uma escala ascendente de liberdade”. Para ele, a escala imposta à liberdade individual vai, em ordem ascendente, do âmbito fonológico, onde não há possibilidade de criar, até o âmbito da combinação de frases em enunciados.

Jakobson (1971) elabora sua proposta destacando a fala como reveladora das leis gerais da linguagem e os processos metafóricos e metonímicos como as leis de composição interna da linguagem.

Admitir que o falante não se apropriaria da linguagem como conhecimento e sim seria constituído subjetivamente a partir dos efeitos de funcionamento da língua, sendo capturado por ela, significa admitir que, desde as falas iniciais, o falante estaria sujeito aos processos metafóricos e metonímicos. Aprofundaremos essa reflexão a seguir, ao retomarmos a convenção proposta em Iliovitz (2001).

4 Retomando a convenção

Esclarecidos os processos metafóricos e metonímicos, vamos retomar e discutir a (in)adequação da convenção proposta por Iliovitz (2001). Talvez devido à ausência de critérios mais objetivos para discernir erros de lapsos na época, o trabalho de Iliovitz (2001), referente a lapsos de adultos falantes nativos do português, precisou adotar uma determinada convenção metodológica para delimitar o escopo dos dados de análise. A convenção adotada propunha que lapsos seriam cometidos apenas por adultos e crianças apenas cometeriam erros.

Entretanto, considerando que a criança, enquanto sujeito falante, está inserida na mesma estrutura de funcionamento da língua em que se move o adulto (cf. DE LEMOS, 1992), também é preciso considerar *as três posições* que a criança assume no processo de aquisição da linguagem na proposta interacionista de De Lemos (1992).

Conforme esclarecem Lier-De Vitto e Carvalho (2008), na primeira posição, predomina a fala do outro, e fragmentos incorporados da fala do outro

constituem a fala da criança. Na segunda posição, passa a haver dominância do funcionamento da língua que faz emergir erros de diversos tipos. Nessa posição, a criança é impermeável à correção. Finalmente, na terceira posição, ocorre a dominância da relação da criança com sua própria fala. Nessa posição, aparecem as reformulações e autocorreções. A criança reconhece a diferença entre a própria fala e a fala do outro e se divide entre aquele que fala e aquele que escuta (falante/ouvinte). Isso posto, a seguir, apresentaremos os aspectos metodológicos do trabalho de Oliveira (2004).

5 O trabalho de Oliveira (2004): aspectos metodológicos

Tomando como referência as concepções estruturalistas da linguagem, o estudo de Oliveira (2004) teve como objetivo levantar questões sobre a estruturação de narrativas infantis. Participaram desse estudo 7 crianças com idades variando entre 2 anos e 10 meses a 3 anos e 7 meses, duas meninas e cinco meninos, que frequentam uma creche pública. Além das crianças, participaram também da pesquisa a própria investigadora e uma monitora que convive com as crianças na creche⁶.

Na seção seguinte, apresentaremos alguns dados do trabalho de Oliveira (2004) que foram interpretados como lapsos.

6 Lapsos cometidos por crianças: os dados de Oliveira (2004)

No estudo de Oliveira (2004), foi contada uma história para as crianças e foi solicitado a elas que recontassem essa história com as próprias palavras. Cada relato foi comparado com a história original para que fossem localizados os pontos em que ocorreram rupturas com a história contada anteriormente pelo adulto. Depois que essas rupturas foram localizadas, foi analisado o modo como a criança realiza o rompimento com o discurso do outro e em que consistem esses movimentos, assim como foram caracterizados os tipos de rupturas que foram encontradas na fala da criança.

Selecionamos dois momentos de relato de história das crianças participantes do estudo de Oliveira (2004) com o objetivo de trazer evidências acerca da presença de lapsos durante o movimento de estruturação das narrativas infantis.

O primeiro exemplo é o seguinte:

Exemplo 1:

Narrativa: "Cachinhos Dourados e os Três Ursos"

Criança: – Quera uma vez os tês usinhos, aí foru dá uma passuada. Aí uma panela do usinho, era bem pequenininho.

⁶ Para mais detalhes a respeito de aspectos metodológicos desses dados, sugerimos consulta ao trabalho de Oliveira (2004).

Aí ela entou, aí ela comeu todinho, aí sentô e quebô a cadera, aí ela durmiu na cama. Aí o usão: - alguém mexeu no meu mingau, aí foi pro quarto, - quebô minha cadera, tá toda quebada. Aí foi, viu, aí chapeuzinho...// (foi interrompida)

Adulto (Monitora): – Cachinhos Dourados.

Criança: – *Cachinho Dorado. Aí os tês/aí ela ficô nervosa, ficô felizes para sempre.*

Adulto (Monitora): – Foi?

Criança – Foi. (OLIVEIRA, 2004, p. 118)

A criança inicia sua narrativa com o termo “Quera”. Esse termo pode ter surgido na fala da criança por uma condensação do pronome “que” com a forma verbal “era”. Logo após, a criança modifica a frase “*Foram dar uma volta enquanto o mingau esfriava*”, dita pelo adulto durante a leitura da história original, para “*foru dá uma passada*”. Nesse caso, percebe-se que a criança substituiu o termo “volta” por “passeada”, o qual pode ter sido convocado por uma condensação entre os termos “passeio+caminhada”, os quais possuem uma relação *metafórica* com o termo “volta”.

Na frase seguinte, “*Aí uma panela do usinho...*” a criança substituiu o termo “tigela”, que aparece no texto da história original e seria a palavra-alvo, por “panela”, talvez por uma relação de contiguidade entre esses significantes ou mesmo pela semelhança na imagem acústica/significante, ou ainda pelo *cruzamento discursivo* entre “*tigela*” e “*panela*” no eixo *paradigmático*, gerando um *lapsso* em decorrência de sobreposição de processos metafóricos.

Esse exemplo apresenta ainda um outro foco de interesse, que aparece no seguinte trecho de fala da criança: “*Aí foi, viu, aí chapeuzinho...//*”. Essa fala parece indicar que ela tenha trazido o conteúdo de outra história infantil (no caso, “Chapeuzinho Vermelho”) para compor sua narrativa. Isso pode ter ocorrido a partir de uma relação de contiguidade entre os termos “cachinho” e “chapeuzinho”. Essa relação resultou em outra ruptura no eixo *paradigmático* e gerou um outro *lapsso*. Após essa ruptura que a criança faz com o texto da história original, o adulto a interrompe e a corrige, e a criança repete a fala deste outro, dizendo “*Cachinho Dorado*”.

Convém destacar aqui a mudança de posição da criança em relação à própria fala. Ao cometer esse lapsso e dizer “chapeuzinho” em vez de “cachinho”, interpretamos que a criança assume a segunda posição da proposta interacionista de De Lemos (1992). Nessa posição, a criança está sujeita ao funcionamento da língua e às respectivas leis de composição interna da linguagem, que envolvem os processos metafóricos e metonímicos – e, acrescentamos, a possível emergência de lapsos, como foi o caso do cruzamento discursivo ocorrido entre “cachinho” e “chapeuzinho”.

Já ao repetir a fala do outro, a criança passa para a terceira posição da proposta interacionista. Conforme mencionado anteriormente, nessa posição, o sujeito faz reformulações e autocorreções. É isso que ocorre quando, após ser corrigida pelo adulto, a criança diz “*Cachinho Dorado*”.

Para finalizar a análise dessa narrativa, pode-se destacar a frase estruturada pela criança: “*Aí os tês/aí ela ficô nervosa...*”. Nesse caso, percebe-se que a criança começa a frase e dá continuidade a ela mudando o conteúdo do que viria a ser dito, promovendo uma estruturação da frase marcada pela heterogeneidade, o que demonstra o surgimento do sujeito na fala, devido à evocação e organização idiossincrática dos significantes na estruturação da frase.

Um outro aspecto que merece ser mencionado na análise dessa fala é que ela parece indicar que o fato de a frase ter sido estruturada dessa forma pode evidenciar que a criança escuta sua própria fala. Ela interrompe a fala e reformula a frase de acordo com o texto original da história. Isso também parece evidenciar que ela assume, portanto, a terceira posição da proposta interacionista. Ainda em relação a essa produção verbal da criança, possivelmente ela substituiu o termo “*Ficou tão assustada*”, existente no texto da história original por “... *aí ela ficô nervosa*” por uma relação metafórica estabelecida entre “*ficar assustada*” e “*ficar nervosa*”.

Em síntese, esse exemplo apresentou dois lapsos: a troca (ou cruzamento discursivo no eixo paradigmático) de “*tigela*” por “*panela*” e a troca de “*cachinho*” e “*chapeuzinho*”. Além da semelhança fonética entre a pronúncia dos pares de palavras “*tigela/panela*” e “*chapeuzinho/cachinho*”, esses dois últimos itens lexicais são diminutivos de substantivos masculinos (respectivamente, de “*chapéu*” e de “*cacho*”) e os dois pares de palavras são paroxítonos. Essas características linguísticas possivelmente contribuíram para promover a ruptura no eixo paradigmático e manifestar a ocorrência de lapsos em processos metafóricos.

Passemos agora à análise do segundo exemplo selecionado:

Exemplo 2:

Narrativa: “João e o Pé de Feijão”

Criança: – Era uma vez pé de feijão. A mãe *dele se aborrecido* e a vaca tá aqui na cozinha, e a vaca, e a vaca *se aborreceu*, e o menino, *pé de feijão*, e o *pé de feijão* tava aqui no céu.

Adulto (Investigadora): – Huhum.

Criança: – E o, e o *rei*, e o *bicho* saiu e aquela, e esse, e aí a galinha butandu *tijovos* e a galinha no céu, felizes para sempe, ponto. (OLIVEIRA, 2004, p. 142)

Queremos destacar nesse exemplo a fala da criança que diz “e *aí a galinha butandu tijovos*”. Nesse caso, ela condensa os significantes “*tijolos*” e “*ovos*” criando um significante composto “*tijovos*”. É possível que a criança tenha convocado o significante “*tijolos*” ao invés de “*ovos*” por dois motivos: tanto por uma relação de contiguidade entre os termos “*tijolo*” e “*ovos* (de ouro)” quanto por ter trazido o conteúdo de outra história infantil, mais especificamente da história dos “*Três Porquinhos*”, na qual é mencionada uma casa de tijolos. Considerando que a palavra-alvo era “*ovos*” (de ouro) -- no

trecho “a galinha botando ovos (de ouro)” --, podemos interpretar a ocorrência de um lapso que mescla os itens lexicais “tijolos” e “ovos” através da substituição paradigmática do fonema /l/ por /v/.

No que se refere à posição da criança nesse exemplo, ela parece ocupar a segunda posição da proposta interacionista de De Lemos (1992). Nessa posição, conforme mencionado anteriormente, a criança está sujeita ao funcionamento da língua e aos processos metafóricos e metonímicos, o que potencialmente viabiliza a ocorrência de lapsos, como foi o caso. Encerrando nossas reflexões, teceremos algumas considerações finais.

7 Considerações finais

Neste trabalho, discutimos alguns dados de narrativas infantis recontadas por crianças – e analisados no trabalho de Oliveira (2004) – que apresentam rupturas metafóricas e metonímicas com o texto da história original promovendo cruzamentos de discursos. Em outras palavras, os dados que apresentam rupturas podem ser interpretados como sendo lapsos da língua.

Nossa discussão foi iniciada a partir de definições e conceitos de erro e lapso na Psicanálise e na Linguística. Em seguida, propusemos uma distinção entre erro (como inadequação) e lapso (como cruzamento de discursos) de modo a fundamentar nossa argumentação referente à existência de lapsos na fala de crianças. Os processos metafóricos e metonímicos foram abordados logo depois, a partir das reflexões de Saussure e Jakobson na proposta interacionista de Cláudia De Lemos, que postula três posições para a criança. Para concluir, revisitamos a convenção metodológica proposta em Iliovitz (2001) a respeito de lapsos da língua. Essa convenção postulou que apenas adultos cometeriam lapsos e que crianças apenas cometeriam erros. Questionar essa convenção foi o fator que motivou a análise apresentada neste trabalho a partir de alguns dados do trabalho de Oliveira (2004).

Conforme exposto, os dados de Oliveira (2004) evidenciam o assujeitamento da criança ao próprio funcionamento da língua e aos processos metafóricos e metonímicos, que se manifestariam já nas falas iniciais. Com relação ao movimento de estruturação das narrativas, vale apontar para a singularidade da fala da criança que se tornou, de algum modo, visível durante esse processo. Explicando melhor, foi possível supor que as crianças, submetidas ao funcionamento estrutural da língua, isto é, fazendo uso dos processos metafóricos e metonímicos, convocavam e arrumaram os significantes numa ordem imprevisível que se afasta, ou mesmo transgride, a ordem desses significantes na versão original da história.

Na situação específica do estudo de Oliveira (2004), esse movimento singular de estruturar a produção narrativa parece indicar um movimento de desestruturação e reestruturação da história lida pelo adulto. Dito de outra forma, seria um movimento marcado por uma oscilação entre os atos de desfazer e refazer, isto é, por fragmentações, rupturas e tentativas de recomposições da fala do outro.

Vale destacar que tais rupturas e tentativas de recomposição, de um modo geral, ocorreram através de interferência de significantes que teriam sido convocados (metonimicamente) de outros lugares da narrativa – ou mesmo de manifestações verbais exteriores àquela narrativa – ao mesmo tempo em que teriam se mesclado (com significantes da história) e se substituído (metaforicamente) em alguns pontos da cadeia verbal da criança. É nesse sentido que se pode sugerir que a referida estruturação estaria trazendo à tona a atuação do funcionamento estrutural da língua (processos metafóricos e metonímicos) na fala da criança.

Além disso, essas fragmentações, rupturas e tentativas de recomposições parecem indicar as mudanças de posição da criança. Ao cometer lapsos, ela ocupa a segunda posição da proposta interacionista; ao reformular e corrigir a própria fala, ela se divide entre aquela que fala e aquela que escuta, e passa a ocupar a terceira posição.

Após a análise apresentada, concluímos que tanto adultos quanto crianças estão sujeitos a cometer lapsos da língua, uma vez que ambos estão sujeitos ao funcionamento estrutural da língua e aos processos metafóricos e metonímicos.

Nesse sentido, o distanciamento/ruptura da fala da criança em relação à fala do adulto, evidenciada no estudo de Oliveira (2004), não poderia ser considerada como um “*não saber*”, uma “*falha no saber*” ou como um “*saber incompleto*”, em relação a uma produção narrativa esperada/padronizada, mas corresponderia a uma forma singular de convocar e arrumar certos significantes durante a estruturação da narrativa.

No entanto, apesar de assumirmos que o adulto tem maior domínio da língua constituída, este não deve ser tomado apenas como aquele que *sabe*, visto que, assim como a criança, ele também se encontra sujeito ao funcionamento da língua, o que se torna visível no chiste, nos lapsos e nos atos falhos, e denuncia que nem adultos nem crianças podem escapar de manifestações inconscientes na linguagem.

Portanto, embora o sujeito possa eventualmente romper cadeias no dizer, ele necessariamente respeita os (ou esbarra nos) eixos metafórico e metonímico ao fazer essas rupturas, seja ele adulto ou criança.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. L. V. Metáfora e metonímia nas teorias linguísticas de abordagem interacionista. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-47, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/19848420.2011v12n25> Acesso em: 16 mar. 2017.

BOOMER, D. S.; LAVER, J. D. M (1968) Slips of the Tongue. Reimpresso em FROMKIN, V. (Ed). **Speech Errors as Linguistic Evidence**. The Hague: Mouton, p. 120-131, 1973.

DE LEMOS, C.T.G. Los Procesos Metafóricos y Metonímicos como Mecanismos de Cambio. **Substratum**, volume 1, n° 1, P. 121-135, 1992.

FIGUEIRA, R.A. O Erro como Dado de Eleição nos Estudos de Aquisição da Linguagem. In: PEREIRA DE CASTRO (org.). **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas: Edunicamp, 1996. p. 55-86.

FREUD, S. **A Interpretação das Afasias**. Tradução de Antonio Pinto Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

FREUD, S. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FROMKIN, V. (1971) The Non-Anomalous Nature of Anomalous Utterances. Reimpresso em FROMKIN, V (Ed.) **Speech Errors as Linguistic Evidence**. The Hague: Mouton, 1973. p. 215-269.

HOTOPF, W.H.N. Semantic similarity as a factor in whole-word slip of the tongue. In: V.FROMKIN. (Ed) **Errors in Linguistic Performance: Slips of the Tongue, Ear, Pen, and Hand**. London: Academic Press, 1980. p. 97-109.

ILIOVITZ, E. R. **Uma análise prosódica dos lapsos da língua**. 124 fl. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ILIOVITZ, E.R. Fronteiras linguísticas dos lapsos da língua. **Revista Letras & Letras**, nº 23, volume 2, p. 81-110, jul./dez. 2007.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1971.

LIER-DE VITTO, M. F.; CARVALHO, G. M. O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: FINGER, I.; QUADROS, R. M. (Org.) **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008. p. 115-145.

OLIVEIRA, J.G. **Levantamento de questões sobre a estruturação das narrativas infantis e o papel desempenhado pelo outro**. 222 fl. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1989.

Recebido em agosto de 2017.

Aprovado em setembro de 2017.

Publicado em dezembro de 2017.

SOBRE AS AUTORAS

Erica Reviglio Iliovitz é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

E-mail: ericarevi@gmail.com

Juliana Galindo de Oliveira Pontes é Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG).
E-mail: jugopontes@yahoo.com.br